Correio da Manhã

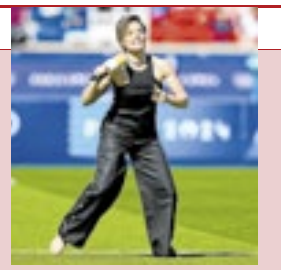
Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 7 de Julho de 2025 - Ano CXXIV - Nº 24.803

Jia Zhang-Ke revisa o próprio passado em seu noo longa
PÁGINA 3

Remixes de DJ Meme repaginam pérolas da MPB
PÁGINA 4

‘Freed From Desire’ (ou ‘nananana’) viraliza no Brasil
PÁGINA 5



2º CADERNO

Andréa Nestrea/Divulgação

Musical ‘Elza’ celebra a eterna cantora em nova temporada carioca

Uma artista REINVENTADA PELA ALEGRIA

Do alto de mais de 100 mil espectadores e uma impressionante coleção de prêmios, o musical “Elza” desembarca novamente no Rio de Janeiro para uma temporada especial no Teatro Claro Mais. A montagem, que estreou em julho de 2018, representa um marco na dramaturgia musical nacional ao fugir do formato convencional das biografias cênicas. Com texto de Vinícius Calderoni e direção de Duda Maia, o espetáculo adota uma estrutura não cronológica na qual diferentes atrizes interpretam diferentes facetas da cantora simultaneamente.

Nesta nova temporada, sete atrizes sobem ao palco: Ágata Matos, Janamô, Josy.Anne, Júlia Sanchez, Julia Tizumba, Sara Hana e a estreante Naruna Costa, que se junta ao elenco como convidada especial. Costa, vencedora do Prêmio Shell 2024 de Melhor Diretora Musical, traz sua experiência como atriz, cantora e diretora para a montagem.

O processo criativo do musical nasceu de um encontro direto entre Calderoni e a própria Elza Soares, que orientou o tom da obra. “A Elza me disse: ‘sou muito alegre, viva, debochada. Não vai me fazer um musical triste, tem que ter alegria’”, relembra o dramaturgo. Essa diretriz fundamental moldou toda a abordagem do espetáculo, que opta por celebrar a resistência e a reinvenção da cantora através da alegria, mesmo diante das tragédias que marcaram sua vida.

Dona de uma das vozes mais impressionantes de nossa música, a vida da ratista foi um verdadeiro testamento de resiliência e superação diante de adversidades profundas. Nascida em extrema pobreza, sua infância foi marcada pela necessidade de um casamento forçado aos 12 anos e pela maternidade precoce aos 13. O luto a acompanhou por toda a vida, especialmente com a perda de diversos filhos: um pela fome na infância, outros dois em um acidente de carro nos anos 1990, e mais tarde, Gerson e João, também em acidentes ou por complicações de saúde.

Além das perdas familiares, Elza enfrentou violência doméstica em seu relacionamento com Garrincha e foi constantemente alvo de racismo e preconceito como mulher negra. No entanto, canalizou todas essas dores e empoderou-se. É uma legítimna sobrevicente do Planeta Fome.

Continua na página seguinte

Repertório do musical embaralha as **diferentes épocas da carreira de Elza**

Andréa Nestrea/Divulgação

As atrizes Ágata Matos, Janamô, Josy.Anne, Júlia Sanchez, Julia Tizumba, Sara Hana e Naruna Costa encarnam em cena diferentes facetas da cantora numa narrativa que foge da cronologia

A pesquisa dramatúrgica para o espetáculo foi extensa e rigorosa. Vinícius Calderoni mergulhou em incontáveis entrevistas da artista e incorporou referências de pensadoras negras como Angela Davis e Conceição Evaristo, cujos fragmentos textuais aparecem na peça. O autor destaca o caráter colaborativo do processo: "Hoje poderia dizer que elas são coautoras e colaboradoras do texto. São sete atrizes negras e múltiplas, como a Elza é. Diante da responsabilidade enorme, eu estabeleci limites de fala para mim em relação a alguns temas".

A direção musical de Larissa Luz trabalha em sintonia com os arranjos criados pelo saudoso maestro Letieres Leite, da Orquestra Rumpilezz, que reimaginou clássicos como "Lama", "O Meu Guri", "A Carne" e "Se Acaso Você Chegasse". O processo colaborativo gerou ainda duas composições inéditas: "Ogum", de Pedro Luís, e "Rap da Vila Vintém", de Larissa Luz.

O repertório musical embaralha diferentes épocas da carreira de Elza, mesclando sucessos históricos como "Malandro", "Lata D'Água" e "Cadeira Vazia" com trabalhos mais recentes como "A Mulher do Fim do Mundo" e "Maria da Vila Matilde". Essa escolha reflete a própria natureza atemporal da artista, que se reinventou constantemente ao longo de mais de seis décadas de carreira.

A encenação de Duda Maia, reconhecida por trabalhos como "Auê" e múltiplas premiações, privilegia a corporalidade e a escuta das intérpretes. "Foi um processo de ensaios muito vivo, em que partimos do princípio que a voz não é nossa, é das atrizes. Fizemos este trabalho para elas e a partir de propostas delas", explica a diretora.

O espetáculo foi desenvolvido durante o período do último renascimento artístico de Elza Soares, quando a artista, em idade já avançada, lançou os aclamados álbuns "A Mulher do Fim do Mundo" (2015) e "Deus é Mulher" (2018), consolidando-se como uma das principais vozes da mulher negra brasileira e conquistando reconhecimento internacional renovado.

A nova temporada carioca marca o primeiro retorno do musical à cidade após a morte de Elza, em janeiro de 2022. O reconhecimento crítico da montagem, que inclui prêmios Shell, APCA, Reverência e Cesgranrio, confirma sua relevância no recente panorama teatral brasileiro.

Calderoni e Duda Maia são dois nomes de destaques na cena teatral. Pela direção de "Auê" (2016), estrelado pela Cia. Barca dos Corações Partidos, ela conquistou os prêmios Shell, Cesgranrio e Botequim Cultural de Melhor Direção, além dos prêmios APTR e Cesgranrio de Melhor Espetáculo e o Bibi Ferreira de Melhor Musical Nacional. Enquanto isso, Calderoni já ganhou o Prêmio Shell de Melhor Autor por "Ãrrã" (2015), o APCA por "Os Arqueólogos" (2016) e coleciona outras indicações e troféus por espetáculos da companhia Empório de Teatro Sortido, que lidera ao lado de Rafael Gomes.

A sintonia entre os dois é determinada por uma característica fundamental: a escuta e a participação das intérpretes. "Foi um processo de ensaios muito vivo, em que partimos do princípio que a voz não é nossa, é das atrizes. Fizemos este trabalho para elas e a partir de propostas delas. Precisamos olhar para o grupo, para a troca", conta Duda.

SERVIÇO

ELZA
Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143 - 2° Piso - Copacabana)
Até 20/7, quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (18h)
Ingressos entre R$ 39,60 e R$ 19,80 (meia) e R$ 180 e R$ 90 (meia)

Simplesmente Jia

‘Levados Pelas Marés’, longa mais recente do artesão autoral, revisa seu próprio passado e as transformações culturais de sua pátria ao longo do século 21

X Stream Pictures

Jia Zhang-Ke: ‘Eu me esforço para que a China vislumbre o lugar em que podemos chegar no amanhã’

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Lançado há uns 15 dias, no sapatinho, em circuito brasileiro, cerca de um ano depois de sua passagem por Cannes, em disputa pela Palma de Ouro de 2025, “Levados Pelas Marés” (“Feng Liu Yi Dai”, no original/ “Caught by the Tides” pelo mundo afora) segue firme e forte nas telas do Rio, ainda que numa sessão só por dia. Pode ser visto às 16h10, no Cinesystem Belas Artes, de Botafogo. O apelo de seu realizador - o chinês Jia Zhang-ke, de 55 anos - entre cinéfilos de todo o país é forte, sobretudo depois do documentário que o carioca Walter Salles dirigiu sobre ele e sua filmografia autoral, em 2014: “Um Homem de Fenyang”.

Fundador do Pingyao Crouching Tiger Hidden Dragon International FilmFestival (PYIFF), que acontecerá de 24 a 30 de setembro, na China, Jia completa três décadas de carreia em 2025, comemorando os 30 anos de seu primeiro trabalho como cineasta: “Xiaoshan Going Home” (1995). Ganhador do Leão de Ouro de Veneza, em 2006, por “Em Busca da Vida”, ele tem ainda uma prolífica atuação como produtor e lança neste fim de semana, um novo trabalho neste posto: “Heaven and Hell” (“Yi dao tian tang”), de Huang Chao-Liang. Em paralelo, deixa seu exercício mais recente como diretor correr mundo.

“Eu me esforço para que a China vislumbre o lugar em que podemos chegar no amanhã”, disse Jia ao Correio da Manhã em sua passagem pela Berlinale com “Nadando Até o Mar se Tornar Azul” (“Swimming Out Until the Sea Turns Blue”, de 2020), inédito em salas do Brasil.

Ali ele começou a alinhavar o processo de “Levados Pelas Marés”, que lhe rendeu o Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo no ano passado. Seu roteiro acompanha a jornada emocional de Qiaoqiao (papel da atriz Zhao Tao, atual companheira de Jia) em busca de um amor perdido, ao passo que, ao largo de sua cruzada afetiva, sua nação muda vertiginosamente. Ao longo de duas décadas — de 2000 ao início dos anos 2020 —, Qiaoqiao e Bin vivem um amor intenso e frágil na cidade chinesa de Datong, que sofre de dificuldades financeiras. Repentinamente, Bin vai embora para tentar a sorte em um lugar maior. Algum tempo depois, Qiaoqiao parte em uma jornada para reencontrá-lo. Esse tráfego gera, na tela, um amálgama de ficção e registro documental de harmonia plena, construído por imagens de filmagens anteriores de Jia, feitas ao longo de 21 anos, desde o alvorecer do século XXI.

“Há tempos, desde que as câmeras digitais apareceram, eu coleciono recordações imagéticas do cotidiano e faço algo com elas, seja pequenos filmes, seja um arquivo de memórias afetivas que, algum dia, serão anexadas à minha dramaturgia”, disse Jia ao Correio em Cannes. “O mundo que me interessa é o das conexões que nascem da exclusão. Tenho o olhar voltado para periferias do poder e da mídia onde as pessoas se juntam a fim de resistir à pobreza, à invisibilidade. Tento entender o afeto que nasce dessa união”.

Seus curtas, em geral, ganham visibilidade na internet, ao alcance de toda a cinefilia, como foi o caso do convulsivo “The Hedonists” (2016). Já seus longas tiveram problemas de censura em sua pátria natal. “Um Toque De Pecado”, ao qual Spielberg deu um prêmio de melhor roteiro quando presidiu o júri de Cannes, em 2013, sofreu boicotes do governo da China. Ainda assim, Jia não esmorece:

“Seja fato, seja fábula, toda narrativa que faço é um documento sobre a China e sobre o Tempo. Retrabalho na ficção situações que eu observo nas ruas. Se eu não tivesse essa verve documental, meus diálogos, nos roteiros que escrevo, teriam muita precariedade: eles são escritos a partir das vivências que eu observo”.

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Traição

Rostos não atravessam os séculos porque seus traços morrem; são elas, as palavras, que transpassam o tempo, e os rostos apenas as encarnam. Uma das palavras que se converte em rosto chama-se traição. Rostos não atravessam os séculos. A palavra traição sim. Seja no rosto do guerreiro Armínio, do século 9, seja no rosto do cabo Anselmo, do século 20, a traição, indiferente ao tempo ou ao contexto, é o mesmo fenômeno não social ou histórico, mas o mesmo fenômeno dado pela natureza do rosto.

Imagem criada com a IA FluxPro

Sempre muito feliz e muito convicto de si, o Senso Comum repete sempre que o traidor ou usa máscara, ou tem dois rostos. O traidor, porém, possui tão somente, sem máscara, um só rosto, que é sempre o mesmo. Assim, senhor de seu próprio rosto, o traidor domina seus próprios traços, a ponto de qualquer um se identificar com ele, porque, caso seu rosto não seja (des)coberto – o que é dificílimo –, a traição simpatiza-se com todos.

O mesmo rosto, portanto, adapta-se ao outro conforme seus interesses, ou seja, o mesmo rosto, sem deixar de ser o mesmo, é outro rosto. Dessa forma, repito, sempre outro sem deixar de ser o mesmo, não se vê no rosto do traidor a oposição entre ser e não-ser. A traição neutraliza o dualismo, neutraliza a oposição, porque o rosto coloca-se entre ser-e-não-ser, ou seja, fixa-se [como movimento] no meio, o que faz do rosto ser natural à luz do dia e, por ser natural ou por representar a si mesmo como simpático ao outro, ele é ser-e-não-ser ao mesmo tempo porque se movimenta entre signos opostos.

A fim de ser evidente só com um exemplo, trago não a erudição clássica de um livro, e sim o que milhões veem à noite, no caso, a novela "Vale Tudo", onde Raquel, a mãe, mantendo sua identidade, sempre é a mesma; Maria de Fátima, a filha, contudo, mantendo-se sempre outra sem deixar de ser a mesma, cria linhas de fuga, já que tais linhas movimentam-se entre signos desiguais. A traição é linha de fuga, pois a traidora Maria de Fátima é-e-não-é ao mesmo tempo, o que permite a mãe se identificar em uns momentos e não se identificar em outros com a filha.

Aprendemos com Maria de Fátima que, se a traição oferece a ela plasticidade social, é porque a traição assume, de forma natural, representações várias: ora um rosto, ora outro, e isso sem deixar de ser o mesmo rosto, Maria de Fátima é pobre, é grata, é rica, é ingrata, é vítima, é ladra, enfim, entre ser-e-não-ser, se seu rosto engana, é porque vale tudo.

Pérolas da MPB **revigoradas**

Em 'Clássicos Reboot Vol. 2', DJ Meme prova que remixes podem (e devem) preservar a essência das canções

Por **Affonso Nunes**

Divulgação

DJ Meme: 'Usar a voz original do artista e mudar toda a música é fácil, mas trazer uma novidade que agrade o público usando tudo o que já estava gravado é o mais difícil'

"Uma coisa é música eletrônica. Outra coisa é usar a música eletrônica na música", reflete o DJ Meme ao definir a filosofia de trabalho do segundo volume de "Clássicos Reboot", projeto de música eletrônica aplicada à MPB. Já nas plataformais digitais, o álbum reúne dez canções nacionais icônicas transformadas através de remixes que preservam a essência original enquanto amplificam sua potência sonora.

Para o Dj e produtor, o grande desafio reside em criar novidades consistentes mantendo todos os elementos já gravados. "Usar a voz original do artista e mudar toda a música é fácil, mas trazer uma novidade que agrade o público usando tudo o que já estava gravado é o mais difícil", explica.

O projeto, revela, é uma homenagem indireta ao arranjador Lincoln Olivetti, cujo trabalho inovador dos anos 1970 e 80 ganha nova dimensão nos remixes. Faixas como "Lábios de Mel" (Tim Maia), "Vida Vida" (Ney Matogrosso) e "De Bar em Bar" (Cassiano) destacam a contribuição revolucionária do músico para a sonoridade pop brasileira. "Ele trouxe uma sonoridade internacional. Elas tinham uma pegada de pista, apesar de não serem eletrônicas", observa Meme.

A metodologia do DJ consiste em "fortificar o arranjo, a voz e os instrumentos com uma tecnologia sofisticada de mais de 40 anos depois". O processo envolve estender tempos, reforçar solos e duplicar elementos, sempre preservando a beleza dos arranjos originais. Ocasionalmente inclui batidas eletrônicas, mas sem comprometer a estrutura musical estabelecida.

Divulgação

Marcos Valle representa um caso especial no álbum. Além de ter seu hit "Mentira" (1973) transformado no "Celebration Remix", o compositor voltou ao estúdio para gravar um novo piano especialmente para a versão. Meme trabalhou cada instrumento da gravação original - que contava com a banda Azymuth - e inseriu o novo solo de Valle no meio da faixa.

"Alagados", dos Paralamas do Sucesso, recebe tratamento especial, com sua veia afro-latina elevada à potência máxima. O remix de quase nove minutos reforça a virada sonora da banda do rock para o reggae em "Selvagem" (1986), incluindo beats e bateria eletrônica que "dobram" com a gravação original de João Barone. A participação de Gilberto Gil, antes restrita aos backing vocals, ganha destaque com apresentação de Herbert Vianna e solo no primeiro refrão.

Duas faixas receberam abordagem mais radical: "Malandragem" teve arranjos recriados e instrumentos regravados, contando com participação especial de Frejat na guitarra e voz, criando o primeiro registro conjunto dele com Cássia Eller. "Maresia" (Marina Lima) migrou para o house underground com superprodução incluindo bateria programada, baixo, teclado, flauta, cordas e solo de órgão.

O álbum encerra com "Azul" (Djavan/Gal Costa) e "Bye Bye Brasil" (Chico Buarque), esta última inspirada nos bailes funk dos anos 80. A versão de Chico recebeu elogios de Roberto Menescal.

No embalo do ‘nananana’

Trilha sonora das transmissões da Copa do Mundo de Clubes, ‘Freed From Desire’ vira hino futebolítico e dispara mais de 850% de execuções no Spotify

Oscar J. Barroso

A italiana Gala é a voz por trás da canção que viralizou na Copa do Mundo de Clubes. ‘Freed From Desire’ foi lançada em 1996

Por **Adrielly Souza** (Folhapress)

Mais de duas décadas após seu lançamento original, Freed From Desire voltou com força total - e, desta vez, impulsionada por arquibancadas, redes sociais e torcidas brasileiras. A música, lançada pela cantora italiana Gala em 1996, virou a trilha do torneio mundial de clubes e explodiu no Spotify, registrando um aumento impressionante de 854% no número de streams no Brasil, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Nas últimas semanas, o hit tem marcado presença constante nas transmissões esportivas, em vídeos de torcedores e nas trends que tomaram conta das plataformas digitais. O refrão contagiante do tipo “nananana” se transformou em mantra coletivo, embutido de emoção e ritmo, ecoando dos estádios para os celulares de milhões de fãs.

Embora tenha ressurgido em estádios europeus a partir de 2016, a música ganhou impulso definitivo em 2024, durante a Eurocopa, quando se consolidou como trilha de celebrações e momentos pré-jogo. No entanto, foi com o início da edição de 2025 do torneio de clubes que “Freed From Desire” atingiu outro patamar - sobretudo no Brasil, onde viralizou em ritmo de memes e dancinhas no TikTok.

Segundo dados do Spotify, o crescimento global do hit foi de 13% durante a segunda metade de junho. No Brasil, o salto foi mais expressivo: 422% entre a primeira e a segunda quinzena do mês. O streaming, impulsionado por fãs de futebol e criadores de conteúdo, transformou a canção em trilha das arquibancadas, mesmo sem selo da organização do campeonato.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

José de Holanda/Divulgação

Metáfora das águas

Fabiana Cozza lança sua versão para “Choro das Águas”, de Ivan Lins e Vitor Martins. Com arranjo para piano e violoncelo, a canção integra o projeto “Elas Cantam as Águas”, da gravadora Galeão, que reúne músicas com temática aquática dos compositores e de Gabriel Martins. O trabalho destaca seis singles interpretados por vozes femininas da música brasileira. Rita Benneditto, Leila Pinheiro estão entre as convidadas do projeto. A versão de Fabiana, artista com 27 anos de carreira, explora a metáfora das águas para expressar intensidade emocional.

Novas conexões

Mumuzinho acaba de lançar “Raiva nas Outras”. Com participação de MC IG, o single integra o projeto “Conectado” do pagodeiro, que destaca a colaboração como uma mistura entre pagode e funk. “”MC IG é hoje um dos maiores nomes da cena urban do Brasil, além de ser um artista conectado com o pagode. Foi muito legal contar com a presença dele no DVD trazendo toda essa mistura com o funk”, conta Mumuzinho. O lançamento faz parte da estratégia do cantor de diversificar sonoridades em seu trabalho.

Reprodução Instagram

Reprodução Instagram

Em transformação

Xamuel lança “Castanho Escuro”, segundo trabalho após o álbum “Sangue”. A faixa explora ciclos e transformações através de sonoridade mais madura. O rapper gaúcho, que iniciou nas batalhas de rima aos 11 anos, possui 3,4 milhões de seguidores no TikTok e se destaca no cenário nacional com discurso de consciência social. A música reflete sobre memórias e padrões, simbolizando recomeços. “Essa música é um mergulho em tons escuros da alma, onde a repetição não é estagnação, mas um convite à transformação”, explica o artista.

ENTREVISTA / DAU BASTOS, ESCRITOR E PROFESSOR DE LETRAS

‘A ficção se inclina a recriar o lado obscuro da existência’

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Se você viesse com filme da Marvel, papo de “Sessão de Tarde” ou citações das falas de Denzel Washington na franquia “O Protetor” para cima do Dau Bastos de uns 10 anos atrás, receberia, na lata, uma “passada de sabão”, daquelas educadas, mas tão ricas de informação que soam como um colóquio – ainda que pontuado de sua ironia estrutural.

Autor de livros-delícia como “Snif” e “Das Trips, Coração”, ele provavelmente evocaria o bamba da Estética da Recepção (o alemão Wolfgang Iser) e citaria a obra do crítico Luiz Costa Lima (de quem é fã), além de fazer referências a cânones da prosa nacional. Acontece que o Tempo - essa irretrocedível máquina de fazer monstros - aproximou esse professor da UFRJ (tesouro da Faculdade de Letras, lá do Fundão) de influências pop. Por ter dividido, faz pouco, um curso de Cinema e Literatura com nerds de carteirinha que unem Batman a Nietzsche, seu coração hoje está mais permeável aos planos-sequência do cinemão.

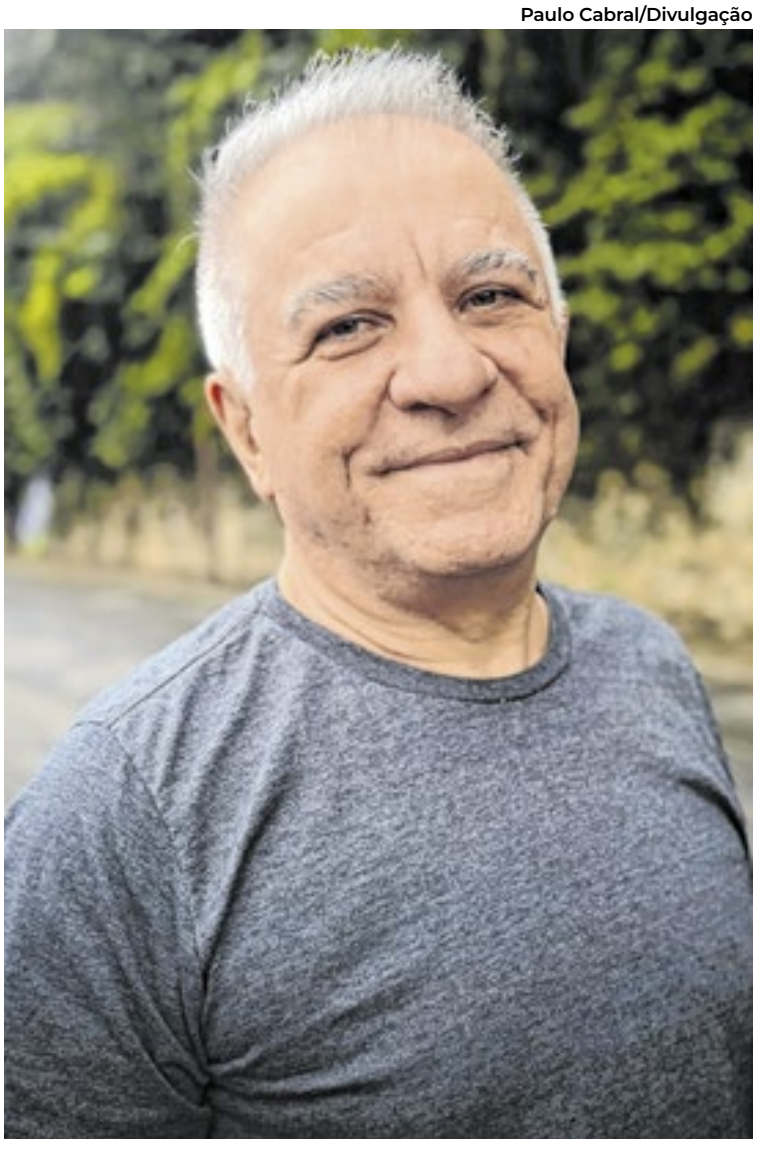
É neles que a gente pensa diante dos dez contos de “Difícil É Dormir”, que Dau lança nesta terça, às 19h, na Livraria da Travessa de Botafogo. Ao radiografar metrópoles e cidades pequenas, ele transpira referências da Modernidade, criando uma fauna de Chaplins brasileiríssimos numa Comédia Humana com agilidade de Buster Keaton. Qual um trapezista sem rede, ele se lança num neo noir de vidas engasgadas, no qual a ambiguidade é o parâmetro da demasiada condição de estar sem norte na vida, gerando frases de galope, que trotam numa ligeireza hollywoodiana. No papo a seguir, Seu Adauri Bastos fala dessa escrita.

Que bússola estética dá norte a “Difícil é Dormir” na cabotagem da sua prosa?

Dau Bastos - Meu primeiro livro, “Das trips, coração”, é um romance de capa colorida e intriga trepidante que, publicado em 1984, harmonizava-se à euforia da redemocratização e ao entusiasmo da juventude. Não tenho o que reclamar da vida, mas o próprio amadurecimento foi tornando minha visão de mundo menos esperançosa. Restou o consolo de perceber que a ficção se inclina a recriar o lado obscuro da existência. Em 2020, a combinação de pandemia e reedição do autoritarismo fez pensar em fundo do poço. Nascidos nesse contexto, os contos de “Difícil É Dormir” se irmanam pelo pessimismo e mesmo niilismo. Até as histórias escritas depois da grande crise e situadas em outras épocas trazem a marca do desespero e do desalento. Oxalá se mostrem à altura dessa verdadeira prova de fogo a que fomos submetidos.

A sua literatura, mais do que radiografa ambientes e tempos; esquadrinha personagens, mergulhando neles em busca de suas mais ínfimas angústias, como se vê no Jean-Marc do conto “Projeto Madá”. O que os “heróis” de Difícil é dormir revelam da sua antropologia afetiva? De que maneira você desenha esses corpos com as palavras?

Paulo Cabral/Divulgação



A ênfase na subjetividade decorre do velho reconhecimento de que a mente humana jamais superará a capacidade da realidade de oferecer eventos mirabolantes. Resulta, além disso, da percepção de que o desconcerto interior estimula a alforria do verbo e o adensamento do enredo. Naturalmente, importa colocar em pauta não façanhas, e sim fracassos. Assim se explica que Jean-Marc seja atraente, porém precise aprender com uma brasileira a tirar prazer do próprio corpo. Somatizadas, as emoções intensificam o intercâmbio com o mundo. Acrescente-se que as histórias da coletânea são movidas por sentimentos como carência, rancor e frustração, mas recorrente mesmo é a decrepitude – em possível indício do incômodo que começa a causar no autor, prestes a fazer 65 anos.

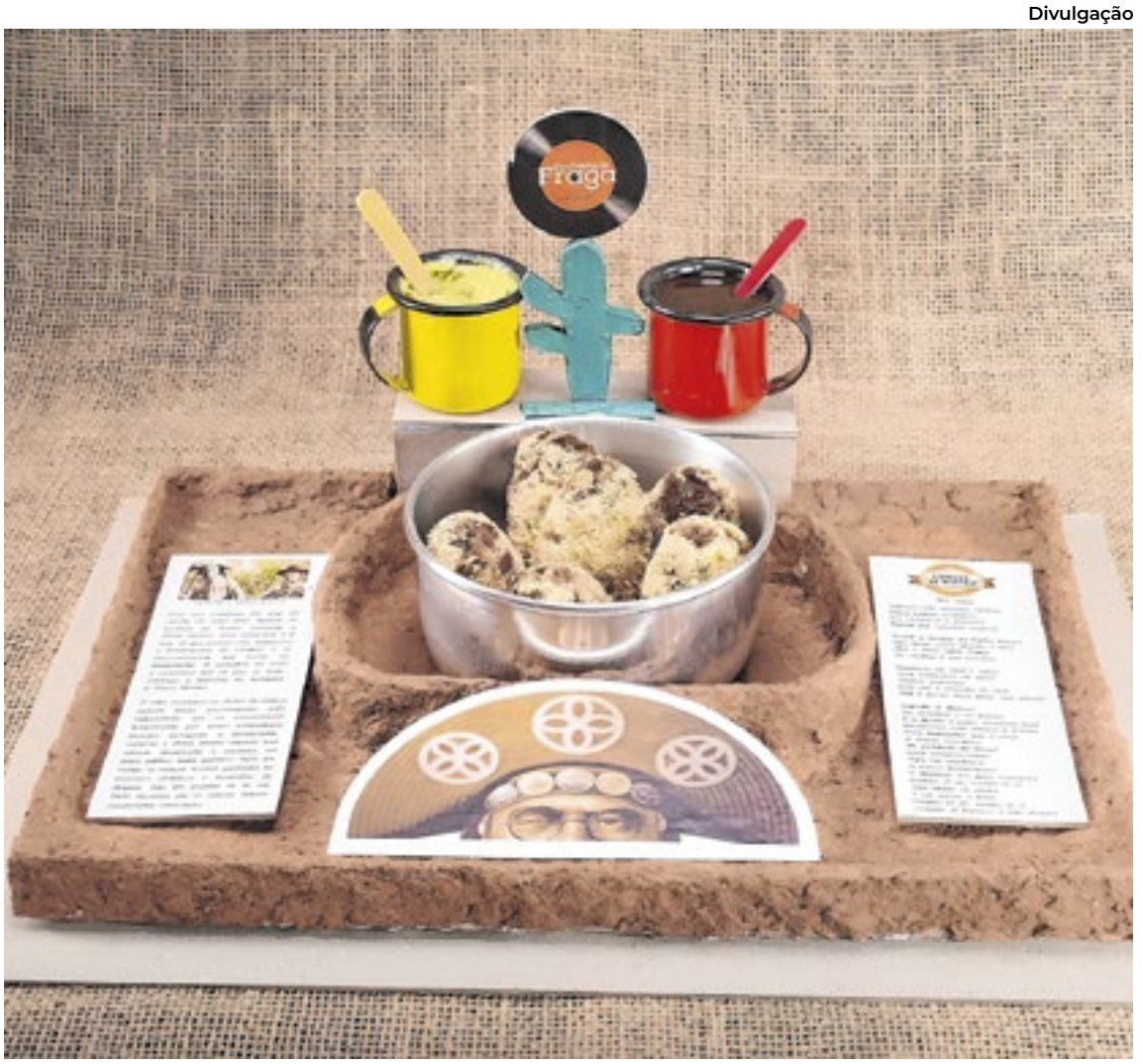
A Carina do conto “Poder aquisitivo” faz frente a Mingau, força motriz de seu belíssimo livro “Snif” (1987) – e maior personagem da toda a sua obra, até hoje - ao representar a potência feminina na sua plenitude. O que essas mulheres da sua literatura carregam das forças femininas que alumbraram a tua vida e a tua jornada como escritor?

Fui criado num ambiente bem machista onde, até para se defender, as mulheres precisavam ser valentes. Minha própria mãe sempre se destacou pela força, acrescida da generosidade de me apoiar mesmo quando não me entendia. Pode parecer simplista, mas encontro nessas sábias guerreiras explicação para meu apreço pelo empoderamento feminino. Carina, Mingau e demais mulheres que integram minha ficção surgiram naturalmente fortes. Não precisei fazer esforço algum para caracterizá-las dessa maneira. Agora, como se trata de literatura, não as idealizei. Em cada uma, a fibra se mistura humanamente a defeitos. Mingau, por exemplo, vez por outra se mostra maquiavélica e perversa. Quanto a Carina, nutre muitos preconceitos e não hesita em comprar os mais variados favores.

De que maneira a experiência do conto redesenha a sua voz e a sua gramática?

Sempre gostei de escrever romance. No entanto, durante a pandemia temi faltar fôlego para produzir uma narrativa longa. Asmático, cardíaco e hipocondríaco, realmente achei que duraria pouco. Então decidi produzir histórias curtas: a qualquer momento que morresse, deixaria textos que, mínimos que fossem, estariam prontos para serem publicados isoladamente ou em antologia. Só não previ o encanto de construir entrechos que precisam dizer a que vêm em poucas páginas. À necessidade de bolar universos muito diferentes entre si soma-se o desafio de variar o vocabulário, o ritmo, o ambiente e demais elementos, de modo que cada conto se configure um experimento distinto. Mal terminei “Difícil É Dormir”, iniciei outro livro de contos, portanto não faço ideia de quando voltarei ao romance.

Divulgação



O campeão da edição nacional do Comida di Buteco 2025 foi o Cabra da Peste, do bar paraense Confraria do Fraga, que leva carne de sol suína, macaxeira e jambu

Quando o Brasil é um **butecão**

Bar paraense Confaria do Fraga vence a versão nacional do Comida di Buteco

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Pensa uma festa boa. Pensa melhor ainda. Aconteceu na última terça-feira, 1º de julho. O Solar Fábio Prado, em São Paulo, virou o boteco mais animado do Brasil por uma noite. Foi lá a grande final nacional do Comida di Buteco 2025, o concurso que há 25 anos transforma cozinheiros em campeões e balcões em vitrines de cultura brasileira. Mais de 300 pessoas se reuniram para celebrar o sabor, a criatividade e a força dos botecos de todo o país. Com sotaques diversos, petiscos irresistíveis e histórias emocionantes, o clima era de festa – daquelas de pedir outra rodada e deixar a conversa rolar.

O grande campeão da noite foi o Confraria do Fraga, de Belém do Pará. O dono, Eudes Fraga, é natural do Ceará, mas já é figura conhecida na cena boêmia de Belém. E com razão: é tricampeão regional, foi vice nacional em 2018, terceiro lugar em 2022, e agora levou o título máximo. Seu petisco, chamado "Cabra da Peste", é uma homenagem direta aos cangaceiros do sertão. Feito com carne de sol, macaxeira e um molho secreto de respeito, o prato conquistou não só o paladar dos jurados, mas também os corações de quem ama a comida com história. A vitória do Confraria chega em um ano especial para Belém, que se prepara para receber a COP 30 e mostrar ao mundo a riqueza da Amazônia – inclusive nos sabores.

O segundo lugar ficou com o Boteco do Durante, em Campinas, São Paulo. O boteco leva o nome do dono, Durval Durante, que há mais de 20 anos serve petisco com cara de casa de vó. O prato "Tacho do Nonô" une a tradição caipira à criatividade: linguiça artesanal, polenta crocante e um molho de queijo canastra que parece abraço de infância. O Durante começou com um balcão simples e meia dúzia de bancos, e hoje é referência na região. E apesar da fama, nada de frescura – ali, ainda se serve fiado com confiança e sorriso.

Em terceiro lugar veio o Nunes Bar, do Vale do Aço, em Minas Gerais. Quem toca o bar é o casal Dona Tereza e Seu Nunes, parceiros de vida e de cozinha. O petisco "Mineirinho Arretado" é um bolinho de frango com ora-pro-nóbis, servido com uma geleia de pimenta artesanal que equilibra o sabor com perfeição. Com mais de três décadas de fogão, o Nunes Bar representa tudo que a gente ama em Minas: comida de verdade, feita com carinho e tradição passada de geração em geração.

Esses três campeões se destacaram entre mais de mil botecos participantes, espalhados por 27 circuitos do país. O processo é rigoroso: na primeira etapa, público e jurados locais escolhem o melhor boteco da sua região. Na segunda fase, um novo corpo de jurados visita cada campeão local e avalia com base em quatro critérios: petisco (70% da nota), atendimento, temperatura da bebida e higiene (cada um com 10%). O Comida di Buteco não premia apenas o melhor prato – e sim o melhor boteco em tudo que ele representa.

E os números do concurso impressionam. Foram mais de 10 milhões de votos ao longo da edição 2025. Cerca de 4,81 milhões de pessoas visitaram diretamente os botecos participantes. O impacto econômico estimado ultrapassou R$ 2,5 bilhões, movimentando toda a cadeia de produção ligada à gastronomia e turismo local. Ao todo, mais de 13 mil empregos foram gerados, e os circuitos atraíram mais de 150 mil turistas, consolidando o evento como um verdadeiro motor de desenvolvimento regional.

Nas redes sociais, o concurso bateu recordes: quase 1 milhão de seguidores e mais de 160 milhões de impressões. O site oficial teve aproximadamente 10 milhões de visualizações de página – um retrato claro do interesse crescente pelo universo dos botecos. Além disso, a cada edição, 20% dos participantes são renovados, garantindo sempre uma mistura fresca de tradição e inovação nos balcões do Brasil.

Criado em 2000 em Belo Horizonte, na antiga Rádio Geraes FM, o Comida di Buteco nasceu com o desejo de valorizar a cozinha de raiz e os botecos familiares. Hoje, é muito mais que um concurso – é um movimento cultural e social. O lema continua atual: "Transformar vidas através da cozinha de raiz – buteco extensão de sua casa." E esse espírito foi visto na final em São Paulo: entre brindes e petiscos, o Brasil celebrou o que tem de melhor – a arte de receber, cozinhar e compartilhar.

POR **CARLOS MONTEIRO** | FOTOS E TEXTO

Os sóis do Rio

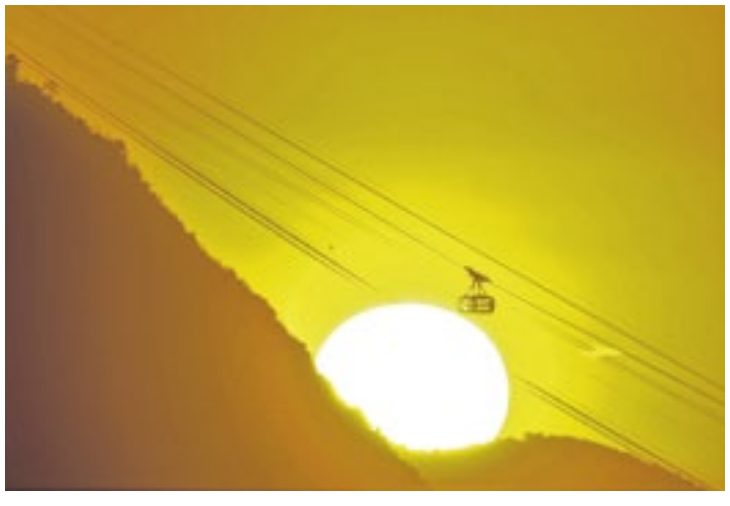
O Rio de Janeiro tem uma característica marcante e interessante; sempre que se fala da Cidade Maravilhosa há um comentário a respeito do sol, que brilha nas praias e colorem, democraticamente, cariocas e não-cariocas. É como se a cidade, nomeada de "Almoxarifado de Deus" por Monteiro Lobato, se alimentasse desse néctar antropomórfico que, talvez, não gorjeie como lá.

Caso algum doutorando fizer um estudo antropológico, para sua tese, de quem vive por essas terras originárias dos Tupinambás e Temiminós, Tamoios e Tupiniquins – a grande galera Tupi -, perceberá que para além de 'cariocas não gostarem de dias nublados', eles têm comportamentos absolutamente ligados ao Astro-rei. São capazes de colocar três moletons e seus devidos capuzes, luvas, cachecol e gorro, naqueles dias de seus sonhos de uma noite de inverno, com aquela temperatura amena de 19°C, mas jamais dispensarão a bermuda e as Havaianas. Pode até nevar, mas a representatividade tropical do sol estará lá.

Como bem disse Caê, o Febo tem um "calor que provoca arrepio" e há de brilhar todas as vezes que Nelson ou Clara, lá do firmamento, derem uma espiadinha na Ipanema do aplauso de Leonam.

Rio é a cidade literalmente de sol a sol, de brilho e esplendor de Kûarasy, do pacto de Guaraci e Jaci sobre as bençãos de Tupã, da missão dada por Olorum a Oxalá, é Rá, Apolo e o Criador luz divina.

O sol carioca parece ter mais brilho, mais poesia, mais ardor. Emoldura a cidade, a torna mais bela, mais amena diante de tantas dores vividas.

E se Deus é brasileiro com toda certeza o sol, ah o sol é carioca da gema.

Esta crônica é dedicada à Deborah Dumar que foi sol, que é sol e há de iluminar eternamente os corações cariocas. Ela foi muito mais que simpatia, ela foi o mais puro e doce amor. Ela acalantava corações com sua alegria contagiante, com suas tiradas desconcertantes, uma espécie de Fio Maravilha do jornalismo carioca, uma fonte inesgotável de cultura, um sorriso eterno.